

PESQUISA QUALITATIVA

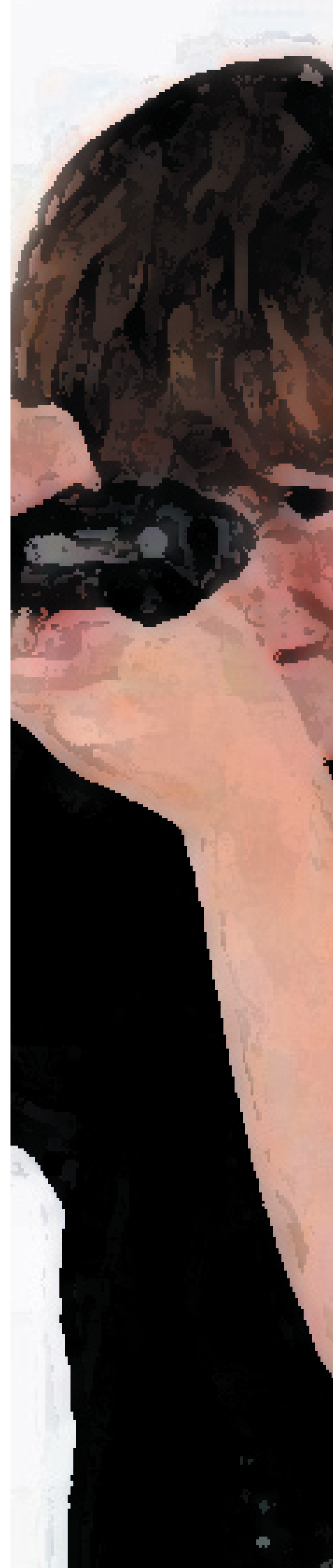
violência e punição

Grupos de discussão com jovens da
periferia de Brasília
sobre a criminalidade e a
redução da maioria penal

Abril de 2007

Secretaria de Comunicação Social

DataSenado 



sumário

Introdução **5**

Metodologia **7**

Redução da Maioridade Penal: entre o desejo e as conseqüências **9**

A inevitável violência do cotidiano **15**

Identidade e violência **29**

Percepções dos jovens sobre a violência **33**

introdução

De acordo com a proposta de apresentar para a sociedade alternativas que visem a diminuição da violência no País, o Senado Federal vem patrocinando, desde o início de 2007, intensos debates parlamentares que têm resultado em diversos Projetos de Lei com esse propósito. Um dos temas mais polêmicos sobre esse assunto é a questão da redução da maioria penal e seus possíveis impactos positivos e negativos para a população.

Considerando a pertinência dessa discussão, que se apresenta como uma das agendas mais demandadas pela sociedade atualmente, a Secretaria de Comunicação Social do Senado, por meio do DataSenado, se propôs a investigar o assunto a partir do ponto de vista do grupo social mais potencialmente atingido por qualquer que seja a decisão legislativa: os jovens de 16 a 18 anos. Esse olhar específico acerca do tema da redução da maioria penal tem o objetivo de contribuir para a pluralidade do debate parlamentar, permitindo a inserção do assunto a partir de uma nova perspectiva.

O presente relatório é o resultado da investigação realizada pelo DataSenado, a partir das discussões de três grupos focais com jovens residentes na periferia de Brasília. Os grupos discutiram o impacto da violência na juventude e as implicações de uma eventual redução da maioria penal.

Por seu caráter qualitativo e exploratório, o relatório não se propõe a generalizar as observações apontadas. A validade das opiniões expressas pelos grupos de jovens está no caráter indicativo das percepções específicas.

metodologia

O objetivo central deste estudo exploratório foi promover a discussão sobre a redução da maioria penal junto ao grupo social específico que poderá ser atingido pela medida, caso a legislação seja alterada. Para que o debate não ocorresse de forma descontextualizada foi preciso investigar, também, a percepção geral que os jovens têm a respeito da violência, considerando seus conceitos, implicações e atitudes.

Como método de investigação, o DataSenado utilizou a abordagem qualitativa, por meio de grupos focais. Reunidos em grupos específicos, os jovens puderam expressar suas opiniões e sentimentos sobre a violência, tema cujo debate exige contextualizar os papéis, os limites, o espaço social e a correlação de forças dos diferentes agentes envolvidos na questão – família, escola, amigos, polícia, Leis, Governo e Estado. As frases incluídas neste relatório são as mais representativas das verbalizações dos jovens participantes dos grupos.

A pesquisa foi realizada com três grupos distintos, na primeira quinzena de abril, com jovens entre 16 e 18 anos, da classe D, residentes na periferia de Brasília.

Grupo 1 – jovens que somente estudam;

Grupo 2 – jovens que estudam e trabalham;

Grupo 3 – jovens que não estudam e não trabalham.

O recrutamento dos jovens obedeceu à classificação sócio-econômica do Critério Brasil. O método adotado dos grupos focais foi o da abordagem direta, com roteiros semiestruturados. Foram ouvidos jovens residentes nas seguintes cidades: São Sebastião, Planaltina, Águas Lindas, Varjão, Ceilândia, Recanto das Emas e Samambaia.

redução da maioridade penal:

Entre o desejo e as consequências

Punição para os jovens

"Dentro da minha família, se você faz, você paga. Não interessa a idade que você tem. Do mesmo jeito que ele passou a ser homem suficiente para ir lá fazer, matar, roubar, fazer o que quiser, tem que virar homem para ir na frente do juiz e assumir o erro."

(Masculino, trabalha, estuda).

Os jovens dos três grupos foram convidados a opinar sobre a redução da maioridade penal. De maneira geral, a opinião dos grupos reflete a própria polêmica que existe na sociedade em relação ao tema. No entanto, claramente, pode-se perceber o consenso a respeito de três itens específicos: a legislação atual não é suficiente para inibir a infração cometida por jovens; o sistema prisional brasileiro é incapaz de recuperar menores infratores e a pena para os jovens deve ser diferenciada da pena dos adultos.

"Acredito que a Lei protege o menor de 12 a 17. Ele já tem na cabeça: já que sou de menor, vou aproveitar até os 17 anos."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

“O Caje não é um castigo. E nem vai conseguir botar ele para o mundo certo, se ele está no mundo errado. Acho que deveria aumentar essa pena, sim. Passar para cinco, seis anos, para ter aquela consciência maior. O cara vai preso e pega três anos. Aí tem bom comportamento, não sei o quê, vai baixando, vai baixando e ele acaba ficando preso um mês e já está fora!”

(Masculino, trabalha, estuda).

“Com certeza. Se ficar junto com os grandões, os grandões vão ajudar mais ainda. Os mais velhos lá dentro vão incentivar eles, quando saírem, acabar com o mundo.”

(Masculino, estuda).

Em relação à redução da maioridade penal, as opiniões se dividem, tanto no que diz respeito à eficácia da medida, quanto à idade limite ideal. Para os defensores da redução da maioria penal, os direitos assegurados atualmente em Lei são vistos como “benefícios” que estimulam a “impunidade” porque os jovens infratores passam, no máximo, três anos em instituições correccionais.

“Quando é de menor, o cara pode matar quantos for, que não dá nada!”

(Masculino, trabalha, estuda).

“Têm uns que falam bem assim: até os meus 17, eu vou matar, roubar, fazer o diabo a quatro. Depois dos 18 eu vou parar! A lei me apóia. Igual esse colega meu. Teve um homicídio, aí ele pegou e assumiu. Por quê? Ele pegou 45 dias pelo homicídio. Se fosse um de maior, ia pegar 10 anos.”

(Masculino, trabalha, estuda).

Para os jovens que são contra a alteração da legislação, o problema não é a idade do infrator e sim a forma de punição. Muitos concordam que é mais saudável para a sociedade buscar a recuperação do jovem e sua

reinserção social, ao invés do seu isolamento em unidades correcionais que se assemelham aos presídios dos adultos. O jovem infrator deve ser tratado de forma diferenciada por meio da perspectiva da recuperação.

"Diminuir, não. Eu acho que tem que ter um modo de educar o jovem, porque o Caje é a mesma coisa de uma cadeia. Tem que ter mais educação para o jovem descobrir, tentar saber por que ele entrou na vida do crime. Não é só trancar ele lá dentro, não."

(Masculino, trabalha, estuda).

"Acho que não pode mudar não. Tem que ficar assim como está mesmo. Porque o jovem pobre, se a polícia pega o cara fazendo um crime, ele vai logo para o Caje. Mas se pega um playboy?"

(Masculino, trabalha, estuda).

"Mandar para a cadeia mais cedo deixa ele mais revoltado."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

Dentre aqueles jovens que são favoráveis à redução da maioridade penal, a discussão se estabelece a respeito da idade adequada para que o infrator passe a ser responsabilizado:

"Eu acho que a pessoa deveria ser responsável a partir dos 16 anos. A partir do momento em que ela pode votar, para a sua Nação, eu acho que ela deveria ser responsável por si."

(Masculino, estuda).

"Para mim a maioridade tinha que ser de 15 a 16 anos. Porque o cara com 15 anos já sabe o que ele quer dar vida, já sabe decidir o que é certo e o que é errado. Já sabe até as conseqüências que podem vir pelo que ele venha a fazer."

(Masculino, trabalha, estuda).

“Eu acho que deveria ser igual para todos. Se uma pessoa de 13 anos cometer um crime, ele tem que ir para a penitenciária. Não adianta essa lei que diz que, com 15 anos, você não vai preso. Acho que não. Se a pessoa cometeu um crime com 15 anos, tem que ir para a penitenciária.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

É senso comum entre os entrevistados que os menores de idade são usados pelos adultos para cometerem infrações, por causa da proteção prevista no Estatuto da Criança e Adolescente.

“Quem é menor vai matar, porque ele sabe que, se for preso por homicídio, fica três anos na cadeia e sai. Os de maior lá levam os de menor, chamam os de menor para entrar na vida de gangue.”

(Masculino, estuda)

“Muitas vezes, os maiores de idade já se aproveitam deles, para eles cometerem, porque sabem que eles não podem ficar lá com uma punição maior.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

“Eles já usam esses menores de 12 anos.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Os jovens foram enfáticos na análise realizada sobre as dificuldades existentes para a recuperação do menor infrator. Por razões diferentes, e em alguns casos até opostas, não há consenso quanto aos métodos empregados na recuperação dos jovens.

“Mas algumas pessoas poderiam sair de lá [Caje] mais revoltadas do que entraram, pelas coisas que fizeram com ele lá dentro.”

(Feminino, estuda).

"Três anos é muito pouco para recuperação. Chega lá [Caje] e ele vai ter praticamente a vida aqui de fora. Ele vai estudar, ele vai praticar esporte, ele vai trabalhar. Eu acho que castigo, assim, ele não vai ter tanto."

(Masculino, trabalha, estuda).

Quando o assunto é a punição, seja em tempo de pena ou em local de cumprimento da sentença, os debates se aprofundaram, indicando que a maioria rejeita que o tratamento dispensado aos menores de idade deva ser o mesmo dos adultos criminosos. Para os jovens ouvidos, o sistema de recuperação deve privilegiar os mecanismos de educação, socialização e reinserção dos menores na sociedade.

"É errado botar uma criança numa penitenciária sendo que lá tem cara que já matou, que já roubou banco. Lá dentro ele não vai ter diálogo nenhum com uma pessoa inteligente, vai ter só com criminosos. Aí fica três, quatro anos, dez anos, vai vir para a sociedade pior ainda. Vai vir pior do que os que ele conheceu lá dentro."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

"É, tem que ser separado, fazer alguma coisa para ajudar, psiquiatra, alguma coisa para ajudar."

(Masculino, estuda).

"Tem que ter um tratamento especial mesmo, porque, quando ele é menor, tem que incentivar ele a não fazer mais as coisas que ele fez. Se ele ficar junto com os grandes, ele vai querer fazer coisa pior ainda."

(Feminino, estuda).

"Tem que dar tratamento especial, porque se pega um menino novo, que cometeu o primeiro crime, joga ele na prisão, aí é que ele fica revoltado. E quando sai..."

(Masculino, estuda).

Convidados a dar sugestões de como a legislação pode aprimorar a recuperação de menores infratores, a profissionalização foi o aspecto mais citado em todos os grupos. Para os jovens, a educação profissionalizante é o caminho mais indicado para garantir que os menores reintegrados não cometam novas infrações.

“Eles deveriam ir para uma instituição, mas lá eles deveriam ter cursos, essas coisas. Essa lei tem que sair do papel e se tornar concreta. Eles terem oportunidade de aprender alguma coisa, mas aprender mesmo, para quando chegar aqui fora eles poderem fazer alguma coisa para não ter que buscar aquilo através do assalto. Eles teriam que ter lá dentro algum curso, alguma coisa, como Informática.”

(Feminino, estuda).

a inevitável violência do cotidiano

Os donos do lugar

"A região onde eu convivo é tranqüila. A marginalidade que tem é muito focada. Só acha quem procura. Tipo, ninguém vai se envolver com brigas quando está andando na rua. Todo mundo está exposto a um assalto, a uma bala perdida. Mas ninguém vai sair tropeçando em droga no meio da rua. É bem incutido, cada um tem seu lugarzinho, cada um se comporta como tal. E a própria marginalidade do meio é que protege o lugar. A gente desce do ônibus, tem um bar perto da minha casa, eu passo, cumprimento todo mundo, de boa e tal. Mas, quando eu desço do ônibus e o bar não está aberto, eu já me preocupo."

(Masculino, trabalha, estuda).

A violência faz parte da vida e do cotidiano dos jovens que participaram dos grupos de discussão. Em resposta à pergunta "como é a sua vida?", os jovens dos grupos 1 e 2 demonstraram, unanimemente, preocupação e atribuíram relevância ao assunto como fato complexo nas vivências diárias. De diferentes formas, os jovens percebem a violência como fato inevitável, inequívoco e incorporado ao modo de vida e ao local onde moram:

"À noite, a gente ouve tiro lá, praticamente, todo dia, toda hora. É perigoso."

(Masculino, estuda).

“Essa madrugada mesmo eu acordei com tiros lá perto de casa. É sempre assim.”

(Masculino, estuda).

“Você fica quase que preso em casa, com medo de sair, por causa de assalto, dessas coisas.”

(Masculino, não trabalha, não estuda).

“Mas é perigoso. Muito perigoso. Muita rixa de malandros, essas coisas. Mas tem festa, sim, tem lazer. E eu saio de vez em quando, mas é perigo total.”

(Masculino, estuda).

O grupo 3 (jovens que não trabalham e não estudam) tem características específicas que influenciam a percepção sobre a violência. Como se tratam de jovens que se preparam para o vestibular ou estão à espera de um emprego, o cotidiano se restringe, em grande parte, ao espaço doméstico. Essa característica faz com que a violência passe a ser relativizada por condicionantes: “depende da companhia”, “depende do local” ou “depende do horário”.

O ócio também marca o cotidiano de alguns jovens, mesmo entre aqueles que têm atividades. “Não tem muita opção de coisas para fazer, você fica em casa fazendo suas coisas, vai para o colégio, chega, vai jantar e vai dormir. É isso.”, reclama a jovem estudante. Mas o que predomina mesmo é a atitude recorrente de se isolar em casa como alternativa à violência nas ruas: “Eu não sou de sair lá. Tenho mais minhas amigas assim por perto. E olhe lá! Aí eu fico mais dentro de casa. Trabalho e fico dentro de casa”, diz a jovem do grupo 2. É evidente o esforço que precisam empreender para conciliar as tarefas diárias e o estilo de vida que escolheram à realidade cotidiana da violência:

“É sinistro, porque tem hora que os caras atiram na rua. Mas tem vez que tudo é só na paz. De vez em quando, eu gosto de ir a uma festa e tal. É um lugar bom, só que tem vez que os caras não estão nem aí!”

(Masculino, trabalha, estuda).

“O meu dia-a-dia é tranquilo. Estudo em casa para prestar o vestibular e também faço cursos. Saio, de vez em quando, também, com os amigos, vou à igreja, só.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Espaço público hostil

Para os participantes dos grupos focais, os espaços públicos são hostis à circulação dos jovens. Todos os grupos demonstraram entender esse código tácito como parte da vida diária. O que não evita atitudes de resistência, típica da idade, porém marcada pela hesitação entre a coragem e o medo: “Tem violência, mas a gente não pode se privar também da nossa liberdade. Tem que saber também os horários e saber com quem sair”, afirma jovem do grupo 3.

Ao mesmo tempo em que enxergam o perigo de circular pelo espaço público, os jovens ouvidos se ressentem da ausência de equipamentos sociais – áreas de lazer, atividades, espaços de convivência – que proporcionem uma ocupação não-coercitiva desses espaços. Para esses jovens, nos espaços públicos não há trocas saudáveis, vivências reconstituintes da identidade ou experiências construtivas.

“Têm as quadras, mas quando você chega, aí tem ne-
guinho fumando maconha... Chega na escola, que era
para ter uma área de lazer, alguma coisa assim, não tem
bola, não tem material esportivo para manter aquela
área de lazer. Local de festas, essas coisas, não tem.
Hoje em dia, nem festa que era familiar, o pessoal não
gosta de fazer por causa da violência. Tem medo de
fazer e chegar um bandido, levar todo mundo.”

(Masculino, trabalha, estuda).

Embora a presença do poder público nas ações de articulação das comunidades tenha sido citada, a timidez da ação do Estado na restauração desses espaços de convivência é percebida pelos jovens ouvidos. A ausência de atividades de cultura, esporte e lazer é apontada por eles como uma das principais causas da violência. Por isso, acham que os estímulos a essas atividades deveriam ser priorizados nas ações de combate à violência.

“Eu acho que era bom investir muito é no esporte,
porque tem muito jovem que não tem nada para fa-
zer. Eles não têm nada para fazer, começam a juntar
com amigos e começa a entrar na vida do crime.”

(Masculino, estuda).

“O esporte ajuda bastante a pessoa para ela se in-
fluenciar, se espelhar em algum pessoa famosa que
conseguiu subir na base do esporte. Ela conseguir se
espelhar em alguém e seguir em frente. Acho que isso
ajudaria muito.”

(Masculino, estuda).

A força da igreja

Para alguns dos jovens integrantes dos grupos focais, a igreja surge como importante alternativa ao convívio social, muitas vezes substituindo todas as outras formas de socialização. “Eu entrei na igreja, parei de sair”, relata um jovem do grupo 2. Diante da ausência de equipamentos sociais, esse papel da igreja emerge com mais força e a instituição se eleva à condição de prestigiada mediadora na relação entre os jovens.

“Eu nem saio muito, também, só vou para a escola. Quando tem alguma coisa na igreja eu vou, algum re-tiro, alguma coisa assim. No sábado teve um show lá e eu fui.”

(Feminino, estuda).

“É raro aparecer alguma coisa para a gente se divertir. Lazer na quadra é muito difícil e perigoso. Eu vou para a igreja. Eu sou da igreja evangélica.”

(Masculino, estuda).

“Lá não tem muita opção de lazer. Quando tem, rola muita briga, essas coisas. E eu vou muito para a igreja católica, tenho amigos lá, quando tem festa junina lá na igreja. Só isso.”

(Feminino, estuda).

A pesquisa revelou, ainda, que a religião também é um suporte moral. Como referência, chega a desempenhar papel mais importante que a própria família ou a escola na formação do caráter do indivíduo. Para alguns, é o caminho que os afasta de um possível comportamento anti-social. Contudo, argumentam que a interação ocorre apenas se for uma opção espontânea.

“Deus é importante na vida da pessoa. Porque na religião a gente aprende tudo o que é bom. A gente aprende a amar as pessoas, aprende a respeitar. Então, já que a criança cresce com aquilo, acho que a religião vai influenciar no caráter dela a se tornar uma pessoa melhor. Mesmo não tendo os pais ali para frear e tudo. Vai ter autocontrole.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

“Mas às vezes têm pais que impõem aquela religião para o filho. Aí o filho, quando cresce, já não aceita. Agora, se os pais gostarem e eles forem por vontade própria, aí sim. Agora, eles serem forçados a ir.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Família e violência

A violência como parte do cotidiano dos jovens também inclui aquela que ocorre no espaço privado. Dentro dos lares, na própria família ou na casa de parentes, amigos e conhecidos, são inúmeros os casos relatados. Destacam-se os casos onde os jovens são violentos para proteger da violência membros da sua própria família.

“Eu tenho um colega da escola que fala que às vezes o pai dele bebe muito e quer bater na mãe dele. Aí, como ele não deixa, acabam os dois brigando também.”

(Feminino, estuda).

“Eu sou muito estourado. Aconteceu uma vez comigo já. Meu pai ameaçou bater na minha mãe, eu peguei uma faca para furar ele. Eu fiquei um ano sem falar com ele. Depois, ele veio conversar comigo, numa boa. Depois, passaram uns dois anos, os dois se separaram.”

(Masculino, estuda).

"O 'caboclo' veio com esse negócio de pegar a minha irmãzinha de dois anos. Ele veio falar: ah, não sei o quê, vou pegar a sua irmã, vou fazer isso e isso com ela. Desci-lhe a pancada ali na festa mesmo. E quem separou foram os policiais. Se não fosse isso, ele tinha morrido!"

(Masculino, trabalha, estuda).

Dentro de casa, os mecanismos de ação-reação reproduzem a violência das ruas, e os jovens ouvidos não titubeiam em reagir com a mesma intensidade que o fariam do lado de fora, mesmo que isso possa implicar em sérias sanções. "Eu tenho uma tia que separou do marido, porque ele bateu nela. Aí o filho dela, que não agüentou ver aquilo, o cara batendo na mãe dele, deu dois tiros nele, só que não matou. Acabou complicando a vida dele, por causa disso", relata um jovem do grupo 1. Os jovens apontam agentes específicos que estimulam a violência doméstica:

"Eu acho que a bebida muda a mente de qualquer um. O meu pai já quis brigar comigo, com a minha mãe. Aí, no outro, dia ele fica normal, parece que não aconteceu nada. Eu 'sarto' fora. Eu não caço briga com ele. Deixo ele na dele, e eu na minha."

(Masculino, estuda).

"Quando o filho começa a ingerir bastante [drogas], acaba agredindo os pais dentro de casa."

(Feminino ,não trabalha, não estuda).

Não há consenso sobre o fluxo da violência. Questionados se ela é aprendida fora ou se os jovens levam para as ruas um comportamento violento que aprenderam em casa, os participantes que falaram se dividem.

“Tem um vizinho meu que ele fazia muita coisa errada. Então, o pai dele ficou com muita raiva, amarrou ele e bateu muito nele. Bateu, bateu e ele ficou revoltado com isso e fugiu, começou a usar drogas. Até botou uma boca-de-fumo na minha rua.”

(Feminino, estuda).

“Têm pessoas que têm má influência fora, aí chega em casa e quer fazer a mesma coisa. Ele anda em grupo na rua. Sai querendo bater em todo mundo. Aí, chega em casa, quer fazer a mesma coisa. Por influência da rua.”

(Masculino, trabalha, estuda).

Os jovens ouvidos acreditam que a família tem um papel importante no combate à violência. Muitos esperam orientação dos pais quanto aos valores morais e quanto aos riscos das relações com os amigos.

“A base é dentro de casa. De pequeno é que começa ter aquela correção. Quando é pequeno, você corrige, batendo. Quando começa a ficar grande, você não tem como bater. Aí você vai com aquela parte da moral em cima do filho, aquela coisa de respeito.”

(Masculino, trabalha, estuda).

A violência também ronda a vida familiar pelo viés da punição. O castigo físico não é aceito por alguns jovens, particularmente os que ficam mais tempo em casa. Alguns enxergam graves consequências nas punições físicas.

“Eu tinha uma vizinha que ela tinha um monte de filhos, todos pequeninhos, e ela espancava os bichinhos pra caramba! Aí eles eram meio agressivos. Acho que era por causa da mãe, porque ela espancava eles por qualquer coisinha. Aí eles já estavam crescendo meio agressivos.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Para a maior parte dos participantes ouvidos, porém, os “corretivos” dos pais são legítimos e preventivos. Esse pensamento é predominante e incisivo entre os rapazes que trabalham e estudam.

“Eu acho que tem apanhar do pai mesmo, tem que ter respeito. Porque o pai tem direito de bater. O pai e a mãe. É melhor você apanhar em casa do que na rua.”

(Masculino, trabalha, estuda).

“A minha mãe de vez em quando dá uma lapada na minha irmã, porque ela de vez em quando chama a minha mãe de puta. É melhor corrigir enquanto é pequena, porque, quando crescer, não vai ter como.”

(Masculino, trabalha, estuda).

Os jovens ouvidos se ressentem da falta de diálogo na família, entretanto afirmam que “certos assuntos” não devem ser tratados com os pais. A falta de diálogo pode ser agravada pela ausência da figura paterna, muitas vezes de forma definitiva. Alguns jovens fazem correlação entre a revolta dos filhos e aquilo que identificam como omissão.

“Quem se envolve mais no mundo da droga é quem não tem pai. A maioria só tem a mãe. O pai morreu ou porque era drogado, ou porque era traficante, ou bebia demais, ou está preso. O cara vive só com a mãe, a mãe não consegue controlar o filho, não é?”

(Masculino, estuda).

De uma forma geral, os participantes dos grupos focais que se pronunciaram entendem e valorizam códigos que remetem aos valores básicos da família, acham que os pais têm o direito e o dever de orientar os filhos e acreditam no diálogo como meio de enfrentar as dificuldades dentro e fora de casa. Alguns não se limitam a reagir ao que consideram omissão. São propositivos ao ponto de cobrar ações contra os pais.

“Acho que deveria ser criada uma lei que punisse os pais também. Punir aqueles que não obrigam os filhos, que não se importam muito com o filho.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Violência nas ruas

A violência cotidiana sofrida pelos jovens também vem das ruas. Ao contrário do que se imagina, na maior parte dos casos, as vítimas foram atacadas próximo de casa, por conhecidos. As ruas têm seus próprios códigos de conduta: “Quando os amigos dele [do vizinho] estão mexendo com a gente, ele fala para respeitar, porque é vizinho. E a mãe dele é muito amiga da minha mãe. Aí ele fala para respeitarem”, relata uma jovem estudante. Em todos os grupos há relatos de vítimas que conhecem e convivem com seus agressores.

As gangues têm papel relevante na determinação dessas normas de conduta. Algumas regras, tal como leis, são universalmente entendidas e aceitas, e como tal é uma das principais formas de dominação presentes no cotidiano dos jovens. “A maioria das mortes que rola, é por causa disso aí, de guerra de gangues. Não é tráfico de drogas, não é nada. É gangue mesmo. É um matando o outro mesmo,” afirma um jovem do grupo 2. A rejeição ou reprovação à essa forma de organização é apenas aparente.

Se, por um lado, a maioria dos participantes dos grupos ignora o papel do Estado e das instituições como responsáveis pela segurança pública, por outro, identificam, aceitam e referendam poderes paralelos. “É cabuloso! Lá tem umas paradas meio estranhas mesmo. Tipo assim, eles respeitam o espaço do cara. Mas se o cara entra numas...”, desabafa um jovem do grupo 3. Aos poucos, muitos jovens revelam ter, em relação às gangues, sentimentos que vão do fascínio ao medo, prevalecendo, em todos os grupos, uma atitude respeitosa.

"Às vezes você não tem nem liberdade para sair na rua. Às vezes tem que passar de cabeça baixa, sem olhar para eles. Abaixo a cabeça, já para não caçar confusão."
(Masculino, não trabalha, não estuda).

"O negócio só pega por causa das gangues."
(Masculino, trabalha, estuda).

Quando o assunto é gangue, a morte está presente em quase todos os depoimentos. Nos relatos, nas ruas é que se decide quem vive e quem morre. E o fato de não se pertencer às gangues não os deixa fora dos riscos. Viver ou morrer, na visão desses jovens, pode ser um acerto de contas ou uma questão de sorte:

"Eles matam mesmo!"
(Feminino, estuda).

"Se você olhar com a cara feia para o meliante e ele não gostar da sua cara, você pode ir para casa, porque ele te mata mesmo."
(Masculino, não trabalha, não estuda).

"Eles estão matando gente inocente lá, direto. Pessoa que não tem nada a ver."
(Masculino, não trabalha, não estuda).

Proteção e respeito: pelos depoimentos essas são as duas principais razões que levam os jovens a pertencerem a uma gangue.

"É como se fosse uma irmandade entre eles. É um protegendo o outro."
(Feminino, não trabalha, não estuda)

"Uma questão também que eu acho que o jovem entra é pelo fato de ganhar espaço. Tipo, pichação assim, quem tem mais o nome escrito na cidade. Inclusive, rola morte por causa disso."
(Masculino, trabalha, estuda).

Dentro ou fora de gangues, a impossibilidade de consumir produtos que estão na moda, mas fora do poder aquisitivo da classe econômica a que pertencem, é frequentemente citada como motivação para que os jovens se envolvam em infrações.

"Lá onde eu moro é assim. Têm muitas meninas, novinhas, de 14, 15 anos, vamos supor, quer um tênis bonito e o pai não pode dar. Aí elas começam a namorar com os bandidos e eles dão. Aí elas entram no caminho também, vão junto com eles."

(Feminino, estuda).

"Porque tem muita coisa que a gente quer. A gente quer celular, a gente quer roupa e tudo. E têm uns que não entendem por que não têm. E acabam indo para o mau caminho."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"No caso desses meninos aí, que roubam carros, que traficam na rua, é uma maneira deles conseguirem um dinheiro ligeiro, para ficar bem de vida."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

O medo domina as escolas

A violência também chegou à escola. Sair de casa para estudar é, para quase todos, um ato de coragem porque pressupõe enfrentar risco: "Veio um cara de bicicleta e me assaltou. Agora, para ir para a escola, eu fico assim preocupada, olhando para um lado e para o outro, para ver se tem algum cara suspeito", diz uma jovem estudante. Os relatos revelam que o medo e a intimidação não se restringem ao ambiente externo à escola. Pelo contrário, os diferentes agentes e meios da violência cotidiana – gangues, armas, drogas, bebida – estão dentro do ambiente escolar. A percepção da violência dentro da escola é unânime em todos os grupos, inclusive entre os que não estudam.

"A escola parece que a rua é lá dentro. Vende droga lá dentro, tem arma lá, falta matar gente dentro da escola. Tinha que ter muito policiamento na escola."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

"Já fui assaltado, quiseram me espancar dentro da escola."

(Masculino, estuda).

"Eles caçam jeito para entrar. Os de fora. Caçam jeito para entrar, para brigar lá dentro."

(Masculino, trabalha, estuda).

"Tem droga na escola. Mais consumo que tráfico."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Os entrevistados, em todos os grupos, deixam claro que o convívio escolar é tenso. Nem sempre a violência é externa e, em muitos casos relatados, pode envolver estudantes, professores, administradores e os próprios pais:

"Tive que ir para outra escola. A professora xingou a minha mãe, eu larguei a cadeira nas costas dela!"

(Masculino, trabalha, estuda).

"O aluno sai da sala e professor não fala nada, porque, se falar ele sabe o que vai acontecer."

(Masculino, trabalha, estuda).

Para os jovens ouvidos, mesmo que já não seja mais um lugar seguro, estar dentro ou fora da escola é um fato decisivo para afastar ou aproximar o jovem da criminalidade. Os índices de repetência e a baixa escolaridade têm relação direta com as estatísticas de menores infratores.

"Se ele não estudar, não conseguir passar, não vai arrumar emprego bom. Aí ele vai querer usar drogas, roubar, fazer essas coisas."

(Masculino, estuda).

“Eu acho que a maioria das pessoas que não têm interesse em estudar, em ir para a escola, é por causa das amizades. A criminalidade tira ele da escola. Se ele vai para a escola, ele não quer fazer nada, quer bagunçar. E dentro da escola não pode. E também a escola nada oferece. Todo dia é aquele arroz com feijão e mais nada.”

(Masculino, trabalha, estuda).

Os sentimentos em relação à escola estão associados, portanto, à imagem da escola estar associada, portanto, a um lugar perigoso, violento, e inseguro. Poucos foram os que identificaram a educação como meio de se combater a violência:

“Na minha opinião, para acabar com a violência e o crime não é matar o bandido, mas não permitir que o bandido cresça. Se você der uma arma para uma criança, ela vai querer matar. Mas se você der um livro, ela vai querer aprender. Então tem que dar lazer, educação.”

(Masculino, estuda).

identidade e violência

Herói ou bandido?

"Eu conheço assim de vista, de comentários. O pessoal novo na cidade, começou amizade com o pessoal de gangue, começou a conhecer os 'malas'. Os irmãos dele já eram malas também, os mais velhos. Aí pegou um bate-boca com a família dele, foi para a Bahia. Chegou lá, teve uma discussão com o irmão dele, pegou uma faca e matou o irmão. Veio embora para cá e chegou aqui e não deu nada, porque a polícia de lá não pode vim. Até chegar um mandado lá de um juiz e alguma coisa, vai demorar. E ele chegou aqui se achando o tal já: matei o meu irmão, não sei o quê e tal!"

(Masculino, trabalha, estuda).

Os depoimentos revelam conflitos de identidade envolvendo os participantes dos grupos focais. Embora a violência faça parte do cotidiano dos jovens, há predominância no uso dos verbos na terceira pessoa ou do sujeito oculto, indicando uma predisposição de encarar esse mundo real como sendo "dos outros". Poucos foram os que reconheceram espontaneamente estar inserido na problemática da violência. E quando o fizeram foi por meio de estímulo. Chama a atenção o uso freqüente do verbo confundir. Eles temem ser tomados por alguém que não são, em diferentes situações.

Se dentro de casa muitos jovens se ressentem da omissão dos pais, fora dela desconfiam da ação do Estado. A percepção do trabalho da polícia é extremamente negativa, particularmente entre pessoas do sexo masculino de todos os grupos ouvidos.

Pelas gangues	Pela polícia	Pelo meio onde vivem
<p>"Tem uns que sofrem, quando é confundido. Aí ele vai e sofre. É um grupo que vai e bate."</p> <p>(Feminino, estuda).</p>	<p>"A polícia pegou eles, achou que poderiam ser mala, ou Bandido, revistou todinho e mandou para a casa com a Bicicleta no ombro."</p> <p>(Masculino, estuda).</p>	<p>"Está cheio de gente na rua. Aí a pessoa já começa a desconfiar que ele fez alguma coisa. E ele não fez nada, mas já tá discriminado ele."</p> <p>(Feminino, não trabalha, não estuda).</p>

A abordagem policial, conhecida como baculejo ou "bacu", tem forte impacto na identidade dos jovens. "Dá muita revolta, porque tem gente que é malandro mesmo, que anda pela rua, e eles não pegam. Agora, quem trabalha, quem não mexe com esse negócio de drogas, eles pe-

Omissão/Ineficiência	Abuso
<p>"Dá um tiro, morre, o cara corre, depois é que a polícia chega." (Masculino, estuda).</p> <p>"Em termos de segurança, a gente não pode confiar nem na polícia." (Masculino, estuda).</p> <p>"Quando a polícia vê os Bandidos lá, sai voada! Fica o mais longe possível, vaza!" (Masculino, trabalha, estuda).</p> <p>"Tem uma quadra que a polícia nem entra, porque só tem Bandido." (Feminino, trabalha, estuda).</p>	<p>"E pegam quem não tem nada a ver, não é? Estava andando na rua, pegam, batem, e ele não tem nada a ver." (Masculino, estuda).</p> <p>"É, pega, dá um tapa na gente, bate. Aquilo revolta qualquer um!" (Masculino, não trabalha, não estuda).</p> <p>"A gente estava conversando. Aí passou um carro. Chegaram já pegando, mandando levantar os braços, pegando nele. E a gente estava só conversando." (Feminino, não trabalha, não estuda).</p>

gam, abusam da autoridade, acabam batendo. Isso dá revolta", reclama um jovem do grupo 1. O assunto divide os grupos – apreende-se que os jovens entendem que o procedimento faz parte do trabalho do polícia, mas muitas vezes é pretexto para o abuso.

Justiça “deles”

A proximidade da violência e o poder das gangues geram insegurança, incerteza e um profundo sentimento de injustiça. Síntese desse sentimento é o uso do termo “justiça própria” por uma integrante do grupo 3. A expressão, usada num contexto em que a entrevistada falava do desencanto dos jovens, foi rapidamente incorporada pelos demais integrantes.

“Eles acham que os governadores, o presidente não fazem nada por eles, eles estão acabando mais com a população. Não ajudam na saúde, não ajuda em nada. Então, isso acaba gerando uma revolta na sociedade. E esses grupos acabam encontrando na droga uma forma de pensar outra coisa para acabar com os problemas deles. Mas a realidade acaba provocando mais violência. Eles acabam piorando, não melhorando. É por isso que eles acabam fazendo essa justiça deles, no caso.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

“Ele disse que o cara tinha estuprado a mulher dele e ele estava atrás do cara. Não demorou nadinha e a gente ouviu um tiro, bem pertinho. Acho que foi a solução. Ele não confia na polícia, no caso. Ele poderia chamar a polícia e denunciar o crime. Mas não.”

(Masculino, estuda).

Mas houve quem reagiu ao conceito de “justiça própria”, substituindo-o por um ideal próprio de justiça:

“A justiça bem feita é aquela em que os jovens se juntam, fazem projetos e pedem alguma coisa em benefício da cidade. Um evento, alguma coisa assim.”

(Masculino, não trabalha, não estuda).

Outros entendem que a convivência com a violência determina, em alguns casos, scripts de vida do qual não podem fugir. Os que sofreram abusos tentam identificar meios que compensem o medo, a revolta, a falta de oportunidades e a exclusão social. Para alguns integrantes dos grupos focais, as infrações se relacionam ao que chamam de tentativa de fuga da realidade:

“Eles têm uma revolta dentro deles, sei lá. Mataram um parente deles ou foram assaltados, ou coisa assim. Aí eles usam a droga para poder, no fim de tudo, justificar que estavam drogados e fugir da realidade. Eles fizeram aquilo, devido a revolta deles, mas porque estavam drogados.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

“É isso. Ele está revoltado com alguma coisa, aí, vai lá e usa droga, para tomar coragem. Mas, na verdade, a droga é uma justificativa que eles dão para o crime que cometeu.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

percepções dos jovens sobre a violência

Integrantes de todos os grupos focais foram convidados a se pronunciar sobre hipóteses para as causas da violência. As respostas revelam padrões simbólicos na percepção que têm da violência.

1. Por que meninos se envolvem mais em infrações do que meninas?

A expectativa dos jovens em relação aos papéis sociais corresponde aos modelos tradicionais reservados ao homem e à mulher. Reproduzem, assim, arquétipos e preconceitos, principalmente em relação à mulher e ao espaço que ela deve ocupar na sociedade, particularmente no que diz respeito às conquistas profissionais.

"A mulher acaba conquistando mais o lado profissional, cresce mais, estão dominando o emprego dos homens. Eles não estão se importando mais com o estudo e nem com nada, só com isso. A mulher não, está lá estudando, está querendo ter algo futuro, não é?"

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"Eu acho que as mulheres, desde mais cedo, já têm a cabeça mais feita. Os homens vivem mais para querer se mostrar, ser mais que os outros."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"As mulheres pensam mais no futuro, estudam, fazem faculdade, para no futuro terem uma vida melhor. E o homem é largado, não está nem aí pra vida. Se ele está ganhando um salário razoavelmente bom, ele já está satisfeito com isso."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

"Porque homem já tem mais aquela coisa, eu sou o fortão, o todo poderoso, o machão."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"Os meninos são criados com mais liberdade do que as meninas. As meninas já são mais recatadas. Já criam as meninas mais quietinhas."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"O homem pode sair, pode fazer tudo. A mulher, não, tem que ficar mais em casa. Tem mais responsabilidade."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

"A mulher é mais presa, é acostumada a fazer as coisas em casa. O homem é mais solto. Acho que, quando ele vai para rua, aí que ele apronta, ele já começa. A mulher não."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

2. Influências fora de casa levam os jovens a cometerem infrações?

Embora haja respostas diferentes, a opinião majoritária é que a violência vem de fora e se reproduz dentro de casa. Na maior parte das respostas também fica implícito que os jovens encontram na rua possibilidades de diálogos que não existem com a família, o que potencializa a influência externa como elemento determinante na formação da identidade.

"Está no colégio, aí começa a mexer com alguma coisa errada: não, vamos lá, é bom e tal! Você é viado, pára com isso, tem que virar homem, vamos lá! Aí começa aquela pressão psicológica e tal, começa a ficar com aquela coisa na cabeça. Aí o cara começa a andar com um tenizinho, uma roupa de marca e tal. Aí, tá vendo? Eu tô crescendo! Vamos lá, vamos lá! Se tu não vai, tu é viado! Aí o cara tem a mente fraca, pega e vai. Aí é um mundo sem volta, né? Vai pra cadeia ou pro cemitério."

(Masculino, trabalha, estuda).

"Têm pessoas que têm má influência fora, aí chega em casa e quer fazer a mesma coisa. Ele anda em grupo na rua. Sai querendo bater em todo mundo. Aí, chega em casa, quer fazer a mesma coisa. Por influência da rua."

(Masculino, trabalha, estuda).

"As pessoas saem e vêem os caras brigando, fumando droga e aí fala: eu vou gozar também, pra mim crescer! Eu acho que vem mais da rua também."

(Masculino, trabalha, estuda).

3. Jovens que sofrem violência são mais violentos?

É consenso entre os jovens ouvidos que sofrer violência gera revolta no jovem. E que o desejo e a disposição de também responder com violência é apenas uma questão de tempo e oportunidade.

"Vai revoltando, mas não de chegar, pegar uma arma e matar. Mas, aos poucos, você vai ficando com muita raiva. E uma hora estoura."

(Masculino, estuda).

"Eu acho que isso dá revolta, sim. Porque a pessoa apalpar, acho que dá uma revolta de querer se vingar."

(Masculino, estuda).

“O cara vai apanhando, apanhando e dá revolta.”

(Masculino, estuda).

“É igual ao ditado: quem bate, esquece; quem apanha, não. Bate hoje, amanhã, pode ser um ano, um mês, aí revolta de novo.”

(Masculino, estuda).

“Mesmo que ele não quisesse fazer alguma coisa contra a pessoa que bateu, os amigos ficam incentivando: “vai lá, bate nele, mata ele”.

(Masculino, estuda).

4. Os jovens cometem mais crimes ou são mais vítimas de crimes?

As respostas indicam que os jovens são rigorosos quando julgam pessoas da mesma idade, embora reconheçam que são alvo potencial de atos violentos. As respostas indicam que eles enxergam a violência praticada por jovens como um fenômeno sistêmico e crescente.

“Eu acho que se enquadram nos dois sentidos, autores e vítimas. Se ele entrar em gangues de jovens, vai morrer jovem. Por ele ser autor, a consequência é que também está sofrendo. Ele está praticando e também está recebendo.”

(Masculino, trabalha, estuda).

“Os jovens são mais autores. Eles acham que têm peito de aço, né?”

(Masculino, trabalha, estuda).

“Acho que o jovem pratica mais.”

(Feminino, não trabalha, não estuda).

“Ele é que pratica sim, porque vai só aumentando. A pessoa que sofre a violência pode querer se vingar. Aí vai só aumentando.”

(Masculino, não trabalha, não estuda).

"Eu acho que o jovem pratica mais a violência. E acaba, de certa forma, sofrendo e outros jovens também sofrendo. Mas, cada dia que passa, está aumentando mais o número de jovens que praticam mais."

(Masculino, não trabalha, não estuda).

"Eu acho que sim, porque a cada dia ele entra na vida de drogas. Eles acabam querendo se impor no bairro, na sociedade e aí, qualquer coisinha para ele, já é questão de violência. Eles já agredem mesmo e não estão nem aí. Os menores de idade não estão nem ligando, porque não vão passar muito tempo sendo julgados. Acho que eles estão entrando cada vez mais cedo e está aumentando o número. Com certeza."

(Feminino, não trabalha, não estuda).

Realização

SENADO FEDERAL

Secretaria de Comunicação Social

Weiller Diniz de Oliveira

Secretaria de Pesquisa e Opinião Pública

Elga Lopes

Coordenação da Pesquisa

Ana Lucia Romero Novelli e Antonio Carlos Burity